

precisa. Deu atenção cuidadosa à descrição do sertanejo e louvou-lhe o labor, o caráter, a inteligência, a assimilação, a generosidade, a hospitalidade. Defendeu o aumento da população para que o Brasil preenchesse seus espaços vazios.

Finalmente, a grande novidade do livro, sob o ponto de vista psicossocial, era e é o estudo do banditismo, que não estava então na moda, como está hoje, desde a publicação de **Bandits** de E. J. Hobsbawm ( Londres, 1969 ) e do interesse que o assunto despertou na historiografia mundial.

Houve sempre bandidos sociais na história do Brasil, e já no período colonial os régulos, como eram então chamados, abundavam. Na história da **História do Brasil** tentei chamar atenção sobre esse aspecto da História social. Mas creio que os que precederam José Américo apenas registraram o fenômeno, enquanto este procurou estudar as causas sociopsicológicas do banditismo, do cangaceirismo, ao lado de Gustavo Barroso com seu livro **Heróis e Bandidos** ( 1917 ).

José Américo pensou que o fim da miséria, do analfabetismo, o contato social determinado pela maior comunicação social, que seria promovida pelo trem e foi aumentada pelo automóvel, liquidaria com a barbaria sertaneja.

O capítulo final é repleto de informações que servem, até hoje, para mostrar o quadro da situação econômica paraibana nos anos vinte deste século.

Este livro tem 56 anos de vida, mas ainda tem viço e força, e creio que os terá por outros muitos anos. É um livro único, singular, reflexo da individualidade incomum de seu ator, que simboliza a personalidade de seu povo, que traz no sangue as virtudes da coragem, do denodo, da confiança e da inteligência paraibana.

( Introdução à terceira edição de **A Paraíba e seus problemas** publicada pelo governo paraibano através de sua Secretaria de Educação e Cultura, em 1980; o volume traz, ainda, posfácio de Tarcisio Burity, Governador do Estado e estudos críticos de Jackson de Figueiredo e Josué de Castro, publicados pela primeira vez em 1928 e 1937, respectivamente ).

\*

PORTO FELIZ

Duflío Battistoni Filho  
( Campinas, SP )

É lamentável que uma cidade do significado histórico de Porto Feliz, terra das Monções, não tenha ainda sido alvo de estudos sistemáticos

e profundos da parte dos nossos historiadores, dentro, obviamente, de modernas linhas metodológicas. Alguns historiadores ilustres, contudo, já se referiram, embora de passagem, à terra natal de Otoniel Mota, acentuando os mais diversos aspectos, econômicos, políticos ou sociais, mormente na época colonial. É justo destacar entre outros os nomes de Sérgio Buarque de Holanda, Afonso de Taunay, Maria Teresa Pe-trone. Os interessados na história da cidade, sentem dificuldades em encontrar bibliografia sobre a antiga Ararituaguaba, quer em bibliotecas públicas ou livrarias. Sabemos, existir um desejo inusitado de nossas autoridades em preservar a memória nacional e, nesse aspecto, a televisão tem contribuído bastante, conclamando o povo a conservar os documentos originais e os monumentos históricos nacionais. E para preencher esta lacuna, o historiador e jornalista porto-felicense, Jonas Soares de Souza, resolveu reunir em livro estudos muito significativos de diversos autores, publicados, a maioria, na imprensa paulistana e em revistas especializadas<sup>1</sup>. Aproveitou o ensejo para dedicar a obra ao moço Jefferson Soares de Souza, estuasiasta dos feitos porto-felicenses, que não chegou a concretizar o plano de reunir num volume, os mais importantes estudos da cidade, pois a morte o colheu quando realizava esse intento. Também ao historiador e jornalista ituano, Francisco Nardy Filho (1879 – 1959) a obra foi dedicada, ele que foi um dos maiores conhecedores da história de Porto Feliz, chegando a publicar muitos estudos no jornal “O Estado de São Paulo”, entre 1930 e 1957. Foi homenageado condignamente no centenário de seu nascimento.

Os estudos contidos neste volume são: “Antiguidade do Porto de Ararituaguaba”, “As Monções”, “A última Monção”, “N. S. da Penha”, “A Capela de Ararituaguaba e Antonio Sardinha”, “José Cardoso Pimentel”, “Ararituaguaba, sua milícia”, “Capitães-mores de Porto Feliz”, “A Igreja Matriz de Porto Feliz”, “Os vigários de Ararituaguaba”, “Os emolumentos do Pároco de Ararituaguaba”, “Porto Feliz e a independência do Brasil”, “Porto Feliz em 1835”, “A Santa Casa de Misericórdia de Porto Feliz”, “O Engenho Central de Porto Feliz”, todos da lavra de Francisco Nardy Filho; “Historiografia das Monções Cuiabanas”, “Uma empresa pioneira em S. Paulo, o Engenho de Porto Feliz”, “Colonos Belgas de Porto Feliz”, “Depoimento de um colono”, “Porto Feliz e seus primeiros jornais”, todos de Jonas Soares de Souza; “Porto Feliz, aspectos do desenvolvimento econômico” de Antonio Carlos Ribeiro Abibe; “Reminiscências de Porto Feliz” de Vicente Themudo Lessa; “Visita imperial a Porto Feliz e seu cronista” de F. A. Veiga de Castro; “O açúcar em Porto Feliz no período colonial” de Suely Robles Reis de Queirós;

(1) **Ararituaguaba: o Porto Feliz**. Edição da Semana das Monções. Porto Feliz, 1979. 170 pp.

“Monções: embarcações, tripulação, distâncias” de Afonso de Taunay; “A expedição do cônsul Langsdorff ao interior do Brasil” de Alfredo d’Escragolle Taunay (Visconde de Taunay), “O Barão de Caxias em Porto Feliz” de Benedito Pires de Almeida. Foram transcritos, ainda, muitos documentos e depoimentos de viajantes ilustres que em tempos diversos visitaram a cidade.

Infelizmente perderam-se as fontes históricas sobre Porto Feliz, privando o historiador de utilizá-las. Talvez existam documentos valiosos, deteriorados com o tempo, e escondidos inescrupulosamente por pessoas neles interessadas, mas ciosas do que possuem e incapazes de trabalhá-los. Ora, este patrimônio pertence a todos, precisa ser publicado para conhecimento das novas gerações. Urge, portanto, que alguém o pesquise para que se possa escrever a história definitiva de Porto Feliz.

Aqueles que desejarem conhecer os aspectos fundamentais da crônica porto-felicense devem ler este livro, cheio de informações valiosas, de aspecto gráfico muito bonito, fruto da dedicação e trabalho do professor Jonas Soares de Souza, que esperamos seja o ponto de partida para outros estudos de maior fôlego.

\*

## O GOVERNO DO MORGADO DE MATEUS EM SÃO PAULO

Maria Beatriz Nizza da Silva  
(São Paulo, SP)

Para quem proclama a “crise da historiografia brasileira” (talvez porque desapareceram do panorama historiográfico atual as grandes “interpretações”, as obras abrangendo longos períodos e múltiplos assuntos), para quem desdenha do Plano Nacional de Pós-Graduação como incapaz de produzir obras relevantes, nada mais convincente do que ler o trabalho de Heloísa Liberalli Bellotto — **Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo** — apresentado como tese de doutoramento em História na Universidade de São Paulo e só agora publicado graças à Secretaria de Estado da Cultura.

Este estudo de Heloísa Bellotto pode ser colocado, pela seriedade da pesquisa e pela riqueza e variedade da documentação, ao lado das obras dos brasilianistas mais notáveis no que se refere ao Brasil colonial, como Stuart B. Schwartz ou Kenneth Maxwell. O que destrói o mito que circula nos meios universitários brasileiros de que os historiadores norte-americanos dispõem de condições de pesquisa e de bolsas de estudos que lhes permitem realizar estudos mais sofisticados, ao passo que o historiador brasileiro luta com a falta de recursos e de tempo. Ora, esta análise dos dez anos de governo do Morgado de Mateus na Capitania de